

Medicina Baseada em Evidências e a Bioestatística: como ser um leitor atento

Os artigos científicos são fonte de conhecimento e propiciam aos seus leitores informações atualizadas e confiáveis. Essa afirmação é bem-aceita, mas, na prática, ler um artigo científico é mais complexo do que imaginamos.

Na literatura científica, existem inúmeros livros que ensinam a ler artigos científicos, sempre motivados pelo jargão Medicina Baseada em Evidência (MBE), que se propõe a usar as estimativas estatísticas (inferências) derivadas de pesquisa sobre amostras populacionais para ajudar na tomada de decisões clínicas de pacientes individuais.

Podemos dividir as etapas da MBE em: a) formular o problema a ser respondido; b) rastrear, com a máxima eficiência, as melhores evidências para responder a partir da literatura publicada; c) analisar criticamente as evidências para verificar a sua proximidade da verdade e sua utilidade no problema apresentado; e d) implementar os resultados dessa avaliação na prática clínica.

A leitura de um artigo científico, etapa importante da MBE, pode ser realizada de diversas formas. Podemos agrupar os leitores de artigo científico em três grupos. O primeiro é chamado de leitor rápido. Ele lê o artigo como lê o jornal diário ou a revista semanal de notícias. Ele lê a manchete (o título) e, em seguida, passa os olhos no resumo e fica completamente satisfeito. O segundo grupo, nomeado leitor superficial, lê os objetivos do trabalho e, num piscar de olhos, já está na discussão e nas conclusões. Os resultados são lidos estrategicamente, pulando as tabelas e gráficos. O terceiro grupo, leitor atento, faz uma leitura criteriosa dos objetivos, dos métodos utilizados para alcançar os objetivos, dos resultados encontrados (incluindo a leitura de tabelas e gráficos), da discussão e das conclusões. O leitor atento faz ligação do objetivo com as conclusões, sem deixar de observar a forma como foi realizada a pesquisa. Assim, o que faz a diferença entre os três grupos de leitores é o conhecimento do método científico e da bioestatística.

A bioestatística, ao contrário do pensamento geral, não se inicia na análise dos dados já coletados. É parte importante da bioestatística o planejamento do experimento, a determinação do tamanho da amostra e posterior análise.

O biostatístico deve fazer parte do grupo de pesquisadores e ser consultado ao se definir o objetivo da pesquisa. Esse profissional deve, então, entender todas as fontes de variabilidade que poderão afetar os resultados esperados. Desse modo, ele ajuda o pesquisador a desenhar o experimento a ser realizado. Estudos do tipo caso controle, coorte, ensaios clínicos, estudos epidemiológicos de prevalência, incidência e ecológicos são alguns dos delineamentos clássicos em bioestatística. Em seguida, após a leitura atenta da literatura já publicada sobre o assunto, o biostatístico utiliza o conhecimento já estabelecido sobre o assunto para calcular o tamanho da amostra (número mágico que deixa os leitores de artigo científico com a “pulga atrás da orelha”). Nesse momento, ainda planejando, o bioestatístico é capaz de prever toda a análise a ser realizada após a coleta de dados.

Se quisermos entrar no mundo acadêmico, seja como leitor atento, seja como escritor de artigos científicos, precisamos aprender a linguagem científica. A comunicação, na comunidade científica da área da Saúde, de forma geral, se dá pelo entendimento do método científico e da bioestatística.

Saber ler a estatística de um trabalho é uma arte a ser cultivada pelos leitores atentos de artigos científicos. As estratégias para melhorar a leitura são: coragem para enfrentar as tabelas e gráficos, um bom livro de estatística básica na estante e participar de clubes de leitura com a participação e auxílio de estatísticos.

Finalizando, boa leitura atenta a todos.

Eliana Zandonade